

Sociedade dos Amigos do Museu de  
Francisco Tavares Proença J.º

# \_MATERIAES\_



III SÉRIE | N.º 2 | 2018

**Título**

*Materiaes*

**Direção**

Presidente do Conselho Diretor da SAMFTPJ

Maria Adelaide Neto Salvado

**Propriedade**

Sociedade dos Amigos do Museu de Francisco Tavares Proença J.<sup>or</sup>

**Edição**

Sociedade dos Amigos do Museu de Francisco Tavares Proença J.<sup>or</sup>

**Design**

Albigráfica, Lda

**Edição e Impressão**

ALBIGRÁFICA, LDA

Estrada Nacional 18 - N.º 69-A (ao Montalvão) | 6000-050 CASTELO BRANCO

Telef.: 272 329 613 | Telef./Fax: 272 347 301 | Telem.: 962 680 231

E-mail: albigrafica.lda@gmail.com

**ISSN**

1647-9637

**Depósito Legal**

442908/18

**Tiragem**

200 Exemplares

**Data**

2018

## A EPIGRAFIA PORTUGUESA DO CONVENTO DA GRAÇA (CASTELO BRANCO)

Joaquim Baptista \*



Antigo Convento da Graça

### Introdução

O convento da Graça fundado cerca de 1519 pelos herdeiros de Rodrigo Rebelo, situa-se na zona norte da cidade albicastrense, mesmo ao lado do antigo Paço Episcopal de Castelo Branco, atual Museu de Francisco Tavares de Proença Júnior. Pertenceu aos frades franciscanos até 1526, passando nessa data para a Ordem dos Agostinhos até à extinção das Ordens religiosas em 1834.

Desse conjunto conventual chegaram até nós quatro epígrafes, mas é dado certo que mais existiriam. Das que estão no seu local de origem, a primeira e terceira deste estudo, são também aquelas que já foram objeto de referências literárias e históricas mais ou menos

\* Instituto Politécnico de Castelo Branco. Escola Superior de Gestão de Idanha-a-Nova.

conseguidas. A estas inscrições nunca foi votado estudo epigráfico e histórico de rigor, facto que justifica desde já este breve apontamento.

Na elaboração deste estudo tive a prestimosa ajuda de vários Amigos. Desejo expressar especial agradecimento ao Professor Jose d'Encarnação que me ajudou na leitura das inscrições com texto latino, assim como a Pedro Miguel Salvado pela revelação de alguns dados históricos e abundante troca de opiniões, sempre portadoras de novos desenvolvimentos.

Por outros motivos agradeço também a Paulo Neto, Mónica Afonso e Marisa Marques funcionários da Santa Casa da Misericórdia de Castelo Branco; meus Amigos Manuel Leitão e José Henriques; José Carlos Gonçalves e Delminda Paulo do Museu de Francisco Tavares Proença Júnior e por fim a maior homenagem ao meu querido Amigo e antigo colega, entretanto falecido, José Cravo Nunes Barata.

## Catálogo

Este catálogo compõe-se de quatro inscrições, três funerárias e uma comemorativa/informativa. As letras sublinhadas na leitura das peças estão em nexos. As letras ou parte de palavras que se encontram entre parenteses curvos são reconstruções de palavras. O sinal / significa mudança de linha. Não se faz descrição dos brasões.

- Placa de granito, de contorno geral retangular, inserida na parede exterior do lado direito do portado quinhentista da igreja da Graça, sob o alpendre que data do século XVIII e que na sua génese tapou parte da inscrição, posta a descoberto posteriormente. Campo epigráfico coincide com a área total do monumento.

**Leitura:** RODERICVS REBELLO : R(oderici) : REB(ello) : F(ilius) : TEMPORE / REGIS EMANVELLIS : DVX GOAE INCLITAE INDORVM / VRBIS : EX PATRIMONIO SVO : TESTAMENTO TEMPLVM H<sup>o</sup>C / FIERI IVSSIT : QVO IN INDIA VT OPTIMO DVCE VITAE FVNCTO IN / ARMIS : SOROR EIVS MARIA REBELLO : ET SORORIS GENER FERNANDVS / PINNA : PIENTISSIMI HEREDES : SIMVL ET TESTAMENTI VOTVM : ET / PIETATIS OPVS IMPL(everunt) : ANN(o). NAT(ale). DOM(ini).. M..V.XIX

**Interpretação:** Rodrigo Rebelo, filho de Rodrigo Rebelo, no tempo do Rei D. Manuel, chefe militar de Goa, ínclita cidade da Índia, a expensas suas, por testamento, mandou fazer este templo, por na Índia, como ótimo comandante, ter desempenhado funções militares. Sua irmã, Maria Rebelo e o genro da mesma, Fernando Pina, mui piedosos herdeiros e também atendendo não apenas ao desejo expresso no testamento como também ao facto de se tratar de uma obra piedosa, deram execução, no ano de 1519 do nascimento do Senhor.

**Dimensões:** Totais: 56 x 1900 cm; Altura das letras: 5 cm.

O texto é de fácil leitura, mas de interpretação dificultada pelo uso do latim e de algumas abreviaturas e siglas que nos vão aparecendo ao longo das sete linhas do mesmo. As letras são capitais romanas de boa qualidade, sendo o texto justificado. Possui pontuação constituída por dois pontos (:) em vários locais da inscrição. A letra V assume o valor vocálico de U na maioria dos casos e assiste-se na data à presença do numeral D, quando seria de esperar encontrar o V, facto este já assinalado por Dodgson em 1897, numa carta enviada a José Leite de Vasconcelos.

Esta inscrição é referida pela primeira vez por José Cornide Saavedra, espião galego ao serviço de Espanha no ano de 1800, quando passa por Castelo Branco na sua missão. Dá uma singela leitura, repetida, em caracteres cursivos, sem interpretação e informa do local onde a mesma se encontra, que é o mesmo onde ainda hoje está. Será referida um século depois numa carta enviada por Eduard Spencer Dodgson a José Leite de Vasconcelos como já o referimos há pouco. Posteriormente citada pelos monógrafos locais sem contudo grandes primores científicos.

Esta é uma das epígrafes que se encontra “*in situ*” no conjunto conventual, e deverá ser a inscrição fundacional da igreja do convento.

**Dados históricos:** Rodrigo Rebelo nasceu em Castelo Branco, em data incerta, mas por certo na segunda metade do século XV, filho de Rodrigo Rebelo e de sua esposa Eiria Lopes. Em 1505 foi para a Índia, onde foi o primeiro capitão de Goa por indicação de Afonso de Albuquerque, e ali veio a falecer em combate no mês de Março de 1511. Por testamenteiro nomeou sua irmã Maria Rebelo, mandando que se fizesse na Senhora de Mércules um pequeno convento de franciscanos e o mesmo fosse dotado com meios suficientes ao sustento de seis frades. Porém Maria Rebelo fez tábua rasa do disposto pelo irmão e dotou as filhas com estes bens. Passado algum tempo, talvez com a consciência pesada, em conjunto com um dos genros, o cronista-mor do reino Fernando de Pina, mandou construir a igreja do convento da Graça.

**Bibliografia:** ABASCAL PALAZÓN (2009), p. 695; DODGSON (1914), p. 284.

• Laje tumular de granito, de contorno geral retangular, possuindo na parte superior composição heráldica, possuindo sulco em todo o contorno da peça, estando o campo epigráfico e o brasão no seu interior. Presentemente esta peça encontra-se no Museu de Francisco Tavares Proença Júnior, onde deu entrada em 1969, oferecida pela Mesa da Santa Casa da Misericórdia de Castelo Branco. Dentro do Museu esta peça encontra-se em situação lastimosa, num corredor exterior a céu aberto, exposta aos elementos climáticos. Mas não é só esta peça. Este é um problema já antigo que o Museu não conseguiu resolver e com o passar dos anos, antes se agudizou. Possui o número de inventário 69.1

**Leitura:** S(epultura). DE PHELI / PE DO VALE CA / LD(ei)RA CAVALEIRO PR / OFECO DA ORDEM DE / XPO(Cristo) SARG(en)TO MOR DE / STA COMARQVA E DE / SVA MO(Ihr)R D(ona). M(ari)A DE S / ANDE P(erei)RA FALECEO EM / 24YO(Junho). DE 1674 ANNO

**Interpretação:** Sepultura de Filipe do Vale Caldeira, cavaleiro professo da Ordem de Cristo, sargento-mor desta comarca e de sua mulher Dona Maria de Sande Pereira. Faleceu a 24 de Junho de 1674.

**Dimensões:** Totais: 1855 x 81 x 18 cm; Campo epigráfico: 93 x 67 cm; Altura das letras: 3 cm.

De leitura fácil. Possui uma cruz de Cristo esculpida em cartela quadrada sensivelmente a meio das duas primeiras linhas. O texto é justificado, com letras capitais romanas algo descuidadas. Existem nexos, abreviaturas e siglas espalhados pelo texto. Em quase todas as ocasiões a letra V assume o valor de U.

**Dados históricos:** Filipe do Vale Caldeira, nasceu na Covilhã dia 4 de Agosto de 1609, filho de António do Vale, tabelião naquela cidade e de Antónia Caldeira. Foi sargento-mor da comarca de Castelo Branco nomeado a 16 de Maio de 1648. Em 1661 continuava no cargo, tendo sido protagonista de alguns episódios da guerra da Restauração ocorridos na raia luso-espanhola. A 20 de Fevereiro de 1649 recebe mercê de 20.000 réis de pensão por serviços prestados no Maranhão, Argel, Alentejo e no governo no forte da Zebreira, nos postos de alferes e capitão. Faleceu segundo reza a sua lápide em 24 de Junho de 1674.

**Bibliografia:** SALVADO (1980), p. 20; SILVA (1958), p. 146-147.

• Lápide armoriada em mármore, de contorno geral retangular, com brasão na parte superior e campo epigráfico inferiormente. Está colocada no local original, por detrás do altar-mor da igreja da Graça, numa capela funerária que pertenceu à família Fonseca da urbe albicastrense. Foi inserida neste espaço por volta de 1784 derivado a algumas confusões havidas na sequência de obras entretanto ocorridas, tendo, no entanto, a capela sido fundada em 1602.

Leitura: . D(eo) . O(ptimo) . M(aximo) . / FRANCISCO, ET  
 PER= / PETVAE. PARENTIBVS / VENERANDIS, SI= / BI, ET  
 MICIAE VXO= / RI CHARISSIMAE, / FILIIS AMANTIS= /  
 SIMIS, ET EORVIPOS= / TERITARI, NECNON / FRATRIBVS  
 PIIS= / SIMIS, DIDACVS A= / FONSECA EXANTI= / QVA  
 FONSECA RVIFA= / MILIA PERFVICTISCV= / RIAE  
 MVNERISBVS REGII / PALATII SENATOR, RE= / GIBVS  
 PORTVGALLIAE / SEBASTIANO, HENRI= / CO, PHILIPPIS. I.  
 ET. II. / ACONSILLIIS. P(onendum). C(uravit).

**Interpretação:** A Deus Ótimo Máximo. Para Francisco e Perpétua, venerandos pais; para si e para Mícia, esposa caríssima; para os filhos amantíssimos e para os descendentes deles, assim como para os piíssimos irmãos. Didaco da Fonseca, da antiga família dos FONSECAS, que, na qualidade de senador do palácio régio, exerceu funções na cúria, como conselheiro dos reis de Portugal Sebastião, Henrique, Filipes I e II, mandou colocar.

**Dimensões:** Campo epigráfico: 120 x 66 cm; Altura das letras: 5 cm.

Esta epígrafe não apresenta grandes dificuldades de leitura e interpretação. O texto é constituído por caracteres capitais romanos de boa qualidade gravados no suporte e preenchidos por tinta negra para realçar. A paginação é justificada na quase totalidade do texto, excetuando as primeira e última linha em que o texto é centrado. Existem alguns nexos e siglas. A letra V quase sempre assume valor vocálico de U. Deteta-se a presença do símbolo (=) em muitos finais de linha, indicando separação de palavra que ocorre em duas linhas. A maioria das palavras é separada por vírgulas.

**Dados históricos:** Diogo da Fonseca, filho de Francisco Martins da Costa e de Perpétua da Fonseca, nasceu em Castelo Branco em meados do século XVI. Estudou na Universidade de Coimbra, exercendo posteriormente vários postos na magistratura e na política. Fez parte do Conselho Supremo de Portugal e Castela e colaborou na compilação das Ordenações Filipinas. Possuía uma Comenda da Ordem de Cristo e fundou a capela funerária nas traseiras do altar-mor da igreja da Graça, em 1602, onde está presente esta inscrição.

**Bibliografia:** MORAIS (1955), p. 24-32; ROXO (2005), p. 151; SILVA (1958), p. 142-145.

• Lápide funerária em granito, de contorno geral retangular, aparecida durante obras havidas em 1981 no claustro.

**Leitura:** AQVI IAS ANA / THERESA IESVS / NOSSA  
MAD(re?) / QVE VIVEO COM / EXEMPLAR VIDA E /  
MORREO COM / A OPINIAO A / II DE IVN(ho) / I7(80??)

**Interpretação:** Aqui jaz Ana Teresa de Jesus nossa madre que viveu uma vida exemplar e morreu lúcida a 11 de Junho de 1780(?).

**Dimensões:** Totais: 2500 x 74 x cm; Altura das letras: 5 cm.

Texto muito difícil de ler devido à erosão. Hoje a peça está praticamente apagada, por certo devido a limpezas feitas sem o melhor cuidado. Possui caracteres capitais romanos de alguma qualidade, com alinhamento à esquerda, excetuando a última linha onde a data está centralizada. Existem alguns nexos. O V assume valor de U em quase todas as ocasiões e o I substitui o numeral 1 quando este ocorre. Pequenos pontos triangulares a coroar os ii da primeira linha.

**Dados históricos:** Nada consegui apurar desta madre, mas não tenho dúvidas que foi importante e amada pela comunidade monástica, devendo ter falecido com idade avançada, tal nos deixa adivinhar a expressão “morreo com a opiniao”. Para meu espanto e consultando em tempos o meu saudoso Amigo Eng. Manuel da Silva Castelo Branco, este em sede de Torre do Tombo não conseguiu averiguar nada sobre esta personagem. Esperemos que a breve trecho haja novidades sobre a mesma.

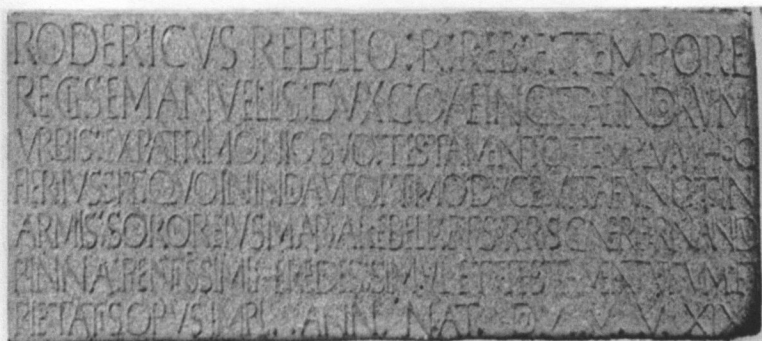
**Bibliografia: Inédita.****Bibliografia**

- ABASCAL PALAZÓN, Juan Manuel; CEBRIÁN, Rosario (2009) – Los viajes de José Cornide por España y Portugal de 1754 a 1801. Madrid: Real Academia de la Historia.
- ALONSO, Carlos (2003) – Os Agostinhos em Portugal. Madrid: Religión y Cultura.
- ANTUNES, António de Rodrigues (2014) – Zebreira terra da raia: estudos arqueológicos, históricos e etnográficos. In *Açafa on line*. Nº 8. Vila Velha de Ródão, p. 1-623
- AZEVEDO, Carlos A. Moreira (2011) – Ordem dos Eremitas de Santo Agostinho em Portugal (1256-1834). Lisboa: Universidade Católica. Faculdade de Teologia. Centro de Estudos de História Religiosa.
- CASTELO BRANCO, Manuel da Silva (1971) – Figuras ilustres de Castelo Branco. In *Comemorações do Bicentenário 1771-1971*. Castelo Branco, sem paginação.
- DODGSON, Eduard Spencer (1914) – Inscrições latinas e portuguesas. In *O Archeologo Português*. Vol. 19. Lisboa, p. 284-289.
- LEAL ARCHIVO DA TORRE DO TOMBO (1909) – Inventário dos livros das portarias do reino. Vol. 1. Lisboa: Imprensa Nacional.
- LEITÃO, Manuel; RIBEIRO, António (1981) – Há necessidade de preservar o património epigráfico. In *Actas do 2º Encontro Nacional das Associações de Defesa do Património Cultural e Natural*. Braga, p. 69-74.
- LEITE, Ana Cristina (1991) – Castelo Branco. Lisboa: Presença.
- MORAIS, Francisco; DIAS, José Lopes (1955) – Estudantes da Universidade de Coimbra naturais de Castelo Branco. Castelo Branco: Ed. do Autor.
- ROXO, António (2005) – Monografia de Castelo Branco. Coimbra; Castelo Branco: Alma Azul.

- SALVADO, António (1980) – Roteiro do Museu de Francisco Tavares Proença Júnior. Castelo Branco: Instituto Português do Património Cultural.
- SANTOS, Manuel Tavares dos (1958) – Castelo Branco na história e na arte. Castelo Branco: Ed. do Autor.
- SHASTRY, Bhagamandala Seetharama (2000) – Goa-Kanara: portuguese relations 1498-1763. New Dehli: Ed. Charles J. Borges.
- SILVA, H. Castro e; DIAS, José Lopes (1958) – A Misericórdia de Castelo Branco: apontamentos históricos. 2ª ed. Castelo Branco: Santa casa da Misericórdia de Castelo Branco.
- SOUSA, Manuel de Faria y (1666) – Asia portuguesa. Tomo 1. Lisboa: Oficina de Henrique Valente de Oliveira.



Alpendre da igreja da Graça, com inscrição ao lado do portal



Inscrição nº 1



Inscrição nº 2



Inscrição nº 3



Inscrição nº 4